

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

Ó SINO DA ALDEIA DE QUEM?

Richard Zenith

Resumo: Na sua carta de 11/XII/1931 a João Gaspar Simões, Fernando Pessoa avisou-lhe, de forma categórica: “Nunca senti saudades da infância”. Explicou que as saudades expressas pelas suas obras eram «atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático” e indicou, como exemplo deste fenómeno, o poema “Ó sino da minha aldeia”. Imbatível, JGS vai citar o mesmo poema, logo no início da sua *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (1950), como uma prova de que o poeta, pela vida adulta fora, é “saudoso de um passado que é como que o único oásis entrevisto no grande deserto da sua vida – saudoso da sua infância”. Apresentam-se provas de que o referido poema, longe de ser inspirado na infância de Pessoa, deve a sua existência a composições de poetas do século XIX, como Luís Augusto Palmeirim e João de Lemos. Revela, de facto, o forte “instinto dramático” com que Pessoa, a partir de tópicos banais (como o da saudade de infância), conseguia fazer grande poesia.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; João Gaspar Simões; João de Lemos; Luís Augusto Palmeirim; Maria Aliete Galhoz.

Abstract: In his letter of 11/XII/1931 to João Gaspar Simões, Fernando Pessoa categorically stated: “I have never felt nostalgia for my childhood.” The expressions of nostalgia in his works were “literary attitudes, felt intensely by dramatic instinct”, and as an example of this phenomenon he pointed to the poem “O church bell of my village”. Undaunted, JGS would cite that very poem at the beginning of his 1950 biography as proof that the poet, throughout his adult life, is “nostalgic for a past that’s like the only oasis he can make out in the vast desert of his life – nostalgic for his childhood.” I show that the said poem, far from being inspired by Pessoa’s childhood, owes its existence to poems by 19th-century poets such as Luís Augusto Palmeirim and João de Lemos. It reveals, in fact, the strong “dramatic instinct” that enabled Pessoa to produce great poetry out of hackneyed topics such as nostalgia for one’s childhood.

Keywords: Fernando Pessoa; João Gaspar Simões; João de Lemos; Luís Augusto Palmeirim; Maria Aliete Galhoz.

1.

Em 11 de dezembro de 1931, Fernando Pessoa escreveu uma carta a João Gaspar Simões com uma longa apreciação crítica do seu livro ensaístico *O Mistério da Poesia*, publicado nesse mesmo ano. Aponta o freudianismo que transparece nas análises literárias feitas pelo jovem diretor da *Presença*, incluindo naquela que incide sobre a sua própria obra, no capítulo “Fernando Pessoa e as Vozes da Inocência”.¹ A dada altura, nessa carta, pergunta-lhe: “Tem você

¹ O ensaio sobre Pessoa incluído nesse volume já tinha sido publicado na *Presença*, n.º 29, novembro-dezembro de 1930.

a certeza, só porque eu o digo e repito, que tenho saudades da infância. . .?” E afirma: “Nunca senti saudades da infância; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por índole, e no sentido direto da palavra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para trás”. O poeta admite ter saudades apenas das pessoas a quem amou e que queria ainda vivas, mas no dia de hoje, com as idades que teriam agora. “O mais”, garante ele, “são atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático, quer as assinasse Álvaro de Campos, quer as assinasse Fernando Pessoa. São suficientemente representadas, no tom e na verdade, por aquele meu breve poema que começa, ‘Ó sino da minha aldeia. . .’. O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos, hoje do Diretório [Republicano]. . .”.

Era tudo uma falsificação evidente, segundo Pessoa, que não nasceu numa aldeia em que se ouvia o sino de uma igreja erma, mas sim na cidade, onde há muitas igrejas, incluindo uma – a dos Mártires – muito perto do lugar onde o poeta nasceu.

2.

Desta reprimenda em relação ao seu ensaio sobre o poeta, João Gaspar Simões vingou-se largamente (e talvez não de forma in- ou subconsciente) na biografia que publicou em 1950 – uma biografia cuja ótica é francamente freudiana, por um lado, e que, por outro lado, explica toda a obra de Pessoa como sendo motivada por uma saudade da sua primeira, idílica infância, cruelmente interrompida pela morte do pai e pela entrada em cena do «intruso» João Miguel Rosa, o homem que casaria com a sua mãe viúva, privando-o de parte da atenção e do afeto que ela lhe dedicava.

A primeira parte de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* intitula-se precisamente “Paraíso Perdido” e, logo na terceira página (Simões

1971), o biógrafo cita a primeira estrofe de “Ó sino da minha aldeia” para argumentar que o poeta, anos depois, será “saudosos de um passado que é como que o único oásis entrevisto no grande deserto da sua vida – saudosos da sua infância”, sendo Pessoa “levado a chamar ao sino da mais citadina das igrejas portuguesas” – isto é, o da igreja dos Mártires, onde Fernando foi batizado – o seu “sino de aldeia”. Explica que, de todos os largos de Lisboa, o de São Carlos é “o mais aldeão que imaginar se pode no sossego que o envolve” – o que é verdade ainda hoje, apesar da esplanada que, nos últimos anos, passou a ocupar um dos seus cantos. Portanto a prova número um, apresentada por João Gaspar Simões em abono da sua tese de que Pessoa era visceralmente saudosos da infância, foi o mesmíssimo exemplo invocado pelo poeta para dizer exatamente o contrário: que *não* tinha saudades da infância.

A interpretação teimosamente oposta de Gaspar Simões é compreensível, pois se o poema nasceu das recordações infantis de Fernando Pessoa, se a aldeia da primeira estrofe é uma metaforização do largo onde ele viveu em criança – então dificilmente se poderá negar que uma nostalgia desse lugar, naqueles tempos, tenha dado origem ao poema, que termina:

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

3.

Mas será que o poema surgiu assim – a partir de uma recordação pessoal? Maria Aliete Galhoz, num estimulante artigo publicado em 1991, lembra que Pessoa, numa lista de influências que redigiu

a pedido de Armando Cortes-Rodrigues, em 1914, mencionou os “restos de influências de subpoetas portugueses lidos na infância”² e propõe que “Ó sino da minha aldeia” possa ter sido parcialmente inspirado pelo poema “Recordação da Infância”, incluído numa coletânea do poeta lisboeta Luís Augusto Palmeirim (1825-1893). A coletânea, intitulada *Poesias*, foi publicada em 1851. Fernando Pessoa possuía, já na adolescência, a terceira edição, de 1859.³ Em apoio à sua proposta, a investigadora cita várias estrofes do poema mais antigo, entre as quais:

Alegre tangia o sino
Em dias de batizado:
Carpia triste e solene
Apregoando um finado.

Estes sons, oh! não me enganam!
São sinos da minha terra:
Ouvi-lhe as Ave-Marias
Nos tristes ecos da serra.

. . .

Que saudades que me ralam
De lhe ouvir os sons distante,
De não poder mais de perto
Ouvi-los a todo o instante.

² A lista foi publicada pela primeira vez num apêndice a Pessoa (1945).

³ Autografado por Pessoa duas vezes e carimbado “Fernando Pessoa, D’URBAN” também duas vezes, o livro, com alguns sublinhados, foi oferecido a Maria Aliete Galhoz pela irmã e a sobrinha de Pessoa, em 1979. A investigadora achou por bem doar o livro à Biblioteca Nacional de Portugal, em 2009.

Com a circunspeção que lhe é habitual, Maria Aliete Galhoz considera que a relação entre os dois poemas, “ainda que vaga e mais sugestiva que pontual, parece plausível e deixa ao leitor a impressão do encontro e de similitudes”. Ao ler o seu artigo, eu só podia anuir. E mesmo que ela não prove uma influência direta de Palmeirim na composição de “Ó sino da minha aldeia”, lembra-nos que a recordação da infância está longe de ser um exclusivo de Fernando Pessoa. Pelo contrário, era um tema quase obrigatório para os poetas líricos românticos portugueses. Será que todos sofriam do mesmo mal que João Gaspar Simões atribuiu a Pessoa?

4.

No capítulo inaugural e “paradisíaco” da biografia, o autor oferece outros exemplos da suposta saudade da infância inerente à poesia de Pessoa. Cita versos da “Ode Marítima” (“na velha casa sossegada, ao pé do rio [Tejo]”), da “Passagem das Horas” (“Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite de S. Carlos há cinquenta / Que não seja para mim por uma galanteria deposta”) e do sexto poema do conjunto “Chuva Oblíqua” (a menção de um menino a jogar à bola no seu quintal). Mas estes são poemas *sobre* a infância, ou de algum modo motivados pela saudade de um paraíso infantil perdido? É evidente que não. As referências à infância – a infância do própria Pessoa, por que não? – têm uma função dramática na economia destas obras, que se contam entre as mais vastas e complexas da produção do poeta. Para forjá-las aproveitou, naturalmente, algumas memórias – infantis e não só –, entre muitos outros elementos.

São poucos os poemas de Pessoa que se debruçam específica e exclusivamente sobre a infância, embora os heterónimos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro façam frequentes referências a crianças e, no caso do engenheiro naval permanentemente insatisfeito, à

época em que era criança e livre sonhador, sem responsabilidades. É verdade que o poema “Aniversário”, assinado por Campos mas escrito no aniversário do próprio Pessoa, parece resultar diretamente da saudade dos primeiros cinco anos do poeta, antes da morte do pai e do irmãozinho Jorge. No entanto, o maior poema saudosista de Pessoa é “*Un Soir à Lima*”, escrito poucos meses antes da sua morte.⁴ É curioso constatar que o poeta, ao longo dos mais de trezentos versos patentemente autobiográficos deste poema inacabado, se recorda não do paraíso perdido dos seus primeiros anos, mas sim da sua adolescência em Durban, na sala da casa na Tenth Avenue, onde a mãe tocava ao piano enquanto o padrasto fumava, ouvindo, os meios-irmãos dormiam e ele, Fernando, ficava ao pé da janela, a ver “todo o luar de toda a África inundar a paisagem”.

Este poema abala não apenas a tese de uma utópica infância lisboeta perdida, mas também a de que o padrasto (que João Gaspar Simões retrata com “bigodes façanhudos”, 482) era um “intruso” (“O Intruso” é o título do terceiro capítulo da referida biografia) por quem Fernando, ciumento, nutria um sentimento entre o desprezo e a raiva. Na estrofe de “*Un Soir à Lima*” em que Pessoa evoca o comandante João Miguel Rosa, surge, entre parênteses, a seguinte exclamação: “Que homem! que alma! que coração!”. Esta expressão de admiração em triplicado dispensa comentários. Claro que o menino Fernando tinha ciúmes do padrasto. Só podia ter ciúmes. Quase nenhuma criança no seu lugar os não teria. E daí? Servirá isso para explicar a génese e a genialidade da sua obra? Pessoa gastou muito tempo e muita tinta a meditar sobre o génio – o próprio e o de outros artistas, as formas que ele assume e a sua relação com a loucura – mas a *origem* do génio permanecia para ele um mistério insondável. Será por isso mesmo que advertiu, na já referida carta a Gaspar Simões, que “a função do crítico deve

⁴ Poema fixado pela primeira vez por Luís Prista (Pessoa 2000: 232-241).

concentrar-se”, primeiro, em “estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista” e, segundo, em “buscar o que poderemos chamar *a explicação central* do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.)”.⁵ Pessoa, como seria de esperar, reclama ser do tipo “dramático poético” e afirma, um pouco antes na mesma carta, que o estudo de Gaspar Simões a seu respeito só peca por “se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir”.

5.

Voltemos ao poema “Ó sino da minha aldeia”, que Pessoa publicou duas vezes, em 1914 (na revista *A Renascença*) e em 1925 (no terceiro número da *Athena*, datado de dezembro de 1924), com ligeiras diferenças de pontuação e ortografia. O manuscrito mais antigo do texto integral do poema data de 8 de abril de 1911, mas nasceu um pouco antes. Quando preparava o segundo volume da *Obra Essencial de Fernando Pessoa*, dedicado à poesia ortónima, reparei num manuscrito do mês anterior, com data de 20 de março de 1911, onde figura a última estrofe do poema e também o seu primeiro verso. O mais interessante dessa pequena descoberta foi o seguinte apontamento do autor: “Da minha aldeia é como quem diz. Isto é, como quem mente. Nasci num 4.º andar do Largo de S. Carlos, em Lisboa, dois andares acima de onde o C[entro] E[leitoral] R[epublicano] ain-

⁵ A carta define uma terceira função do crítico, após este ter compreendido “a essencial inexplicabilidade da alma humana”, como sendo a de “cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento”.

da não estava. Teve este aldeísmo o meu nascimento”.⁶ É o mesmo fingimento descrito por Pessoa trinta anos depois, na sua carta a Gaspar Simões. Mas se essa “mentira” artística – como quer Pessoa – se reduz a chamar *aldeia* ao Largo de S. Carlos, a interpretação do poema feita por João Gaspar Simões pode manter-se tranquilamente de pé. Pessoa, saudoso daqueles primeiros anos, vai romantizá-los, cobri-los de uma aura bucólica, como se pertencessem a um espaço e a um tempo oníricos, irrealis, fora do espaço e do tempo. Isso não é mentir; é idealizar.

Acontece, porém, que a intuição de Maria Aliete Galhoz foi certa. Fernando Pessoa inspirou-se não na sua própria infância, mas sim em “subpoetas” portugueses que escreviam coisas parecidas. Ao rever o mais antigo testemunho de “Ó sino da minha aldeia”, agora em versão digitalizada⁷, apercebi-me de algo que não tinha visto antes, ou que não tinha conseguido decifrar. O poema, aparentemente ainda *in progress*, só com o primeiro verso e a última estrofe escritos, já tinha uma dedicatória, que rezava assim: “A João de Lemos, mas escrito por”⁸ Fernando Pessoa”.

Nascido em Peso da Régua e falecido em Lisboa, João de Lemos (1819-1890) era conhecido como o Trovador, nome dado a um jornal poético por si dirigido e fundado em 1844, em Coimbra, onde estudava Direito. O poeta é classificável como ultra-romântico, rótulo igualmente atribuível a Luís Augusto Palmeirim, seu contemporâneo e colaborador do jornal *O Trovador*. O poema mais famoso de Lemos

⁶ Trata-se do documento BNP E3/119-11a. Corrige-se a leitura do apontamento que figura na nota ao poema da referida edição, onde se lê “ainda então estava” ao invés de “ainda não estava”. O apontamento, a lápis e algo sumido, é de difícil leitura e supus, erradamente, que o futuro “Diretório Republicano” era, na altura, um simples Centro Eleitoral Republicano (o que justificaria a leitura “ainda então estava”).

⁷ A Biblioteca Nacional efetuou a digitalização de todo o espólio de Fernando Pessoa em 2009, o que muito facilitou a leitura da caligrafia do poeta.

⁸ Variante de “mas escrito por”: “mas de”.

é “A Lua de Londres”, mas aquele que aqui interessa intitula-se “O Sino da Minha Terra”, publicado em 1866. Começa assim:

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando ecos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Antes de continuarmos, convém mencionar outro poema pessoal, “Tange o sino, tange”, escrito em 19/3/1911 – portanto, um dia antes do rascunho mais antigo de “Ó sino da minha aldeia», com o qual tem um forte parentesco. Não nos ocuparemos mais desse poema-primo, mas o seu próprio *incipit* denuncia uma provável dívida para com o poema de Lemos.⁹

Comparemos, agora, a sexta estrofe do poema deste poeta:

Tange, tange augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

⁹ No seu já citado artigo, Maria Aliete Galhoz transcreve este poema – posteriormente publicado *in* Pessoa (2005: 107-108) e Pessoa (2006: 41-42) – e outros cinco versos de um poema embrionário mais antigo (24/4/1910), no qual também surge um sino a dobrar. A fixação destes versos em Pessoa (2005: 75), ligeiramente diferente, parece-me certa:

Dobra o sino, dobra o sino,
Ai de ti, que tanto amei!
Dobra o sino, dobra o sino
Nunca mais eu te verei!
Dobra o sino lentamente.

com a quarta estrofe de “Ó sino da minha aldeia”, tal como surge nos rascunhos mais antigos (em que a ordem das palavras do primeiro verso é invertida):

A cada tua pancada
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

E eis outra estrofe de Lemos, a última das 26 que compõem “O Sino da Minha Terra”:

Hei vivido de ti longe,
Desde a infância não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infância senti.

Se o poema de Pessoa tem similitudes com o de Palmeirim, como observou Maria Aliete Galhoz, quase parece plagiar certos versos e conteúdos da composição de João de Lemos.

Outro longo e saudoso poema do mesmo poeta, contido na mesma coletânea, pode ter contribuído para os dois versos finais do poema de Pessoa. Trata-se de “Memórias da Infância”, que termina assim:

Quanto mais nos cresce a idade,
Mais cresce em nós a saudade
Desse tempo que foi já;
Aumente embora a distância,
Como as memórias da infância
Outras memórias não há!

Dos três volumes que constituem o *Cancioneiro* de Lemos, aquele que engloba os dois poemas aqui citados é o terceiro, *Impressões e Recordações* (1866). Lembre-se que “Recordação da Infância» é o título e 1851 a data do poema de Palmeirim que Maria Aliete Galhoz põe em confronto com “Ó sino da minha aldeia”. Lembre-se também que Pessoa publicaria o seu poema juntamente com outro, «Pauis”, sob o título genérico de “Impressões do Crepúsculo”, em 1914. Repare-se na modulação em três tempos: “Recordação da Infância» (1851) . . . *Impressões e Recordações* (1864) . . . “Impressões do Crepúsculo” (1914). Parece-me altamente provável que, para o assunto em apreço – sinos em aldeias na infância –, Palmeirim tenha influenciado João de Lemos, que terá influenciado Pessoa. Aliás, este último, dada a dedicatória que fez, reconheceu explicitamente a influência de Lemos.

6.

A mentira de Fernando Pessoa era a de se arrogar a experiência descrita por outros, transfigurando-a e apresentando-a na primeira pessoa, como se fosse sua. *Strong poet* como era, na acepção de Harold Bloom, Pessoa reescreveu, apurou, corrigiu, o que os dois poetas anteriores viveram (literariamente). Podemos comparar o presente caso com o do poema “A Ceifeira”, no qual Pessoa magistralmente corrigiu “The Solitary Reaper”, de Wordsworth, tal como mostrou António Feijó num perspicaz artigo. Não vou proceder a uma extensa análise da “correção” pessoana de Lemos e Palmeirim, mas direi que, um pouco como aconteceu com “A Ceifeira”, segundo o citado artigo, Fernando Pessoa desocultou e avivou, aguçou, a experiência romanticamente suavizada dos precursores. “O sino da minha terra» (Lemos) torna-se “Ó sino da minha aldeia”, que é muito mais forte, mais imediato. (Note-se que, na medida em que o

sujeito lírico pessoano se dirige ao sino, também apostrofa o poema do seu precursor direto, como se dissesse “Ó Sino da Minha Terra [de João de Lemos]”).

Luís Augusto Palmeirim, ao longo das vinte quadras da sua “Recordação da Infância”, fala do sino sempre na terceira pessoa, como objeto simbolizador dos velhos tempos em que o ouvia tanger na sua terra. João de Lemos chega a dirigir-se diretamente ao sino, mas apenas pontualmente e em tom lamentoso. Em 104 versos descreve (à maneira de Palmeirim) as ocasiões em que o sino tocava na sua infância, fazendo uma pausa – depois de cada quatro ou cinco ou sete estrofes de descrição – para repetir a primeira de todas (“Tange, tange, augusto bronze”, etc.) em jeito de refrão, com algumas variações. Estas apóstrofes são súplicas românticas e vão a um longínquo sino que, mesmo se estivesse perto, não teria nem ouvidos nem força de vontade para satisfazer o pedido.

Os 16 versos do poema de Pessoa constituem uma composição muito diversa e não apenas porque sintetizam, cortando a verborreia. À diferença dos seus precursores, Pessoa – ou o seu eu poético – dirige as suas palavras, sempre e unicamente, ao sino, mas sem esperar ou pedir nada dele. O sino é o pseudo-ouvinte e a causa imediata do seu monólogo, que enuncia – em tom melancólico embora nunca lamuriento – a sua condição de eterno errante para quem tudo é simultaneamente perto e distante, desde o passado irrecuperável até ao soar atual do sino de hoje. O sino, aliás, está inteiramente no presente e nada nos obriga a pensar que evoca apenas a infância. As saudades de Pessoa (que chega a tê-las de coisas que nunca existiram ou que não lhe foram nada¹⁰) eram bem mais vastas e

¹⁰ No *Livro do Desassossego* (Pessoa, 2013), lemos, no trecho 92: “Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram!”. E no trecho 481: “Saudades! Tenho-as até do que me não foi nada, por uma angústia da fuga do tempo e uma doença do mistério da vida. Caras que via habitualmente nas minhas ruas habituais – se deixo de vê-las entristeço; e não me foram nada, a não ser o símbolo de toda a vida”. Há ainda outras referências parecidas, no *Livro do Desassossego* e

será, em princípio, o passado na sua totalidade que é referido no penúltimo verso do poema, cuja segunda estrofe vai ao cerne da sensação que percorre e envolve todo o cenário:

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

É qualquer coisa na própria vida e em cada momento da sua expressão, do seu ecoar, que instaura a melancolia, como se hoje já fosse ontem, uma repetição. A “aldeia” de Pessoa não se nos afigura ser o Largo de S. Carlos nos tempos da sua infância, mas sim o Largo na altura em que escreve o poema. Apropriou-se do que era pouco mais do que um tópico literário em Palmeirim e Lemos¹¹ e transformou-o, deslocando-o para o presente (um presente que já se sente ser passado) e associando-o a um espaço real.

Não foi apenas por ter definido o seu projeto heteronímico como um “drama em gente” que Fernando Pessoa se considerava um poeta dramático. O seu próprio modo de elaborar poemas tendia a ser dramático tanto na concepção como na realização, sobretudo quando eram assinados por Álvaro de Campos. Mesmo o singelo poema ortónimo em análise é, todo ele, uma bela lição de dramaturgia quando o cotejamos com os antecedentes. Aquilo que os dois ultra-românticos descrevem e pincelam, Pessoa encena e intensifica. Enquanto “cada nova pancada” do sino faz com que João de Lemos fique “pensativo”, as mesmas pancadas, em Pessoa, fazem o seu

na poesia do autor. Recorde-se que estas e outras confessas saudades eram meras “atitudes literárias”, como sustentou Pessoa na sua carta a João Gaspar Simões.

¹¹ Palmeirim, aliás, não era da província; nasceu e morreu em Lisboa. O seu recurso a um tópico estereotipado não deve confundir-se, porém, com o fingimento teorizado e praticado por Pessoa.

sujeito lírico *sentir*. O seu “longe” é mais longe e o seu “perto” mais perto, sendo tudo muito mais sentido – sentido dramaticamente, ou fingidamente.

Importa registar uma última observação. O *strong poet* definido por Harold Bloom será tentado, devido à angústia da influência, a reescrever obras de precursores que, por serem grandes influências ou grandes vultos da literatura, oprimem ou provocam inveja e o desejo concomitante de os superar. A correção pessoana de Wordsworth cabe facilmente nesse paradigma. Luís Augusto Palmeirim e João de Lemos, porém, eram *weak poets*, subpoetas, que Pessoa de certa forma resgata (ao mesmo tempo resgatando, ou homenageando, um certo folclorismo bucólico típico do Romantismo português e que vem, é claro, de mais longe).¹² Deles conserva o sino, com as suas pancadas que se repetem com a mesma constância e antiguidade da redondilha, forma métrica que Pessoa também retém; conserva inclusivamente o esquema rimático, com apenas uma rima por cada quadra, segundo o padrão *abcb*; e conserva a aldeia (ou “terra”) e as saudades do passado. Com estes elementos constrói um novo poema, cuja arquitetura verbal é simultaneamente mais leve e mais forte. Colabora com os dois oitocentistas, melhorando as suas subproduções, e até dedica (ocultamente) o seu poema a um deles. Fernando Pessoa, embora com ironia, possuía em alto grau a virtude da caridade.¹³

¹² É bom lembrar que Pessoa compôs mais de 400 quadras de género popular (“popular” pelo menos na sua forma). A grande maioria data dos seus dois últimos anos de vida, mas nove foram compostas em 1907-1908, nos primórdios da sua produção poética portuguesa de adulto.

¹³ Depois de eu ter apresentado este trabalho no II Congresso Internacional Fernando Pessoa (Lisboa, 2010), alguém me alertou para um estudo de Fátima Freitas Morna (2001), que já tinha estabelecido uma provável ligação entre “Ó sino da minha aldeia” e “O sino da minha terra”, de João de Lemos. O estudo de FFM mereceria ser mais divulgado. Com efeito, a informação apresentada por mim sobre a alusão a João de Lemos numa nota marginal de Pessoa não faz mais do que confirmar a tese já proposta pela perspicaz investigadora.

Obras citadas

- Feijó, António. “A Constituição dos Heterónimos, I. Caeiro e a Correção de Wordsworth”. *Colóquio/Letras* 140-141 (abril-setembro 1996), 48-60. Print.
- Galhoz, Maria Aliete. “Em torno ao poema de Fernando Pessoa ‘Ó sino da minha aldeia’ – nota preliminar e breve achega ao seu estudo”. Org. Joaquim Camacho. *Estudos Portugueses: Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa, Difel, 1991. Print.
- Morna, Fátima Freitas. “Ecos de Vários Sinos”. Org. T. Seruya. *Estudos de Tradução em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 109-122, 2001. Print.
- Pessoa, Fernando. *Livro do Desassossego*. 11.^a ed. Org. R. Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Print.
- . *Obra Essencial de Fernando Pessoa*, v. 1 (*Poesia do Eu*). Org. R. Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006. Print.
- . *Poesia 1902-1917*. Org. M. Silva, A. Freitas e M. Dine. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. Print.
- . *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935*. Org. Luís Prista. Lisboa: IN-CM, 2000. Print.
- . *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*. Org. Joel Serrão. Lisboa: Ed. Confluência, 1945. Print.
- Simões, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa* [1950]. 2.^a ed. Lisboa: Bertrand, 1971. Print.
- . (1931). *O mistério da poesia: ensaios de interpretação da génese poética*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Print.